

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO EDUCACIONAL

Tânia Marisa Jost

**CONTRIBUIÇÕES DA GESTÃO ESCOLAR DEMOCRÁTICA PARA
PREVENÇÃO DO *BULLYING* NA ESCOLA**

**Sobradinho, RS
2018**

Tânia Marisa Jost

**CONTRIBUIÇÕES DA GESTÃO ESCOLAR DEMOCRÁTICA PARA
PREVENÇÃO DO *BULLYING* NA ESCOLA**

Monografia apresentada ao Curso de Pós-Graduação a Distância Especialização *Lato Sensu* em Gestão Educacional, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito para obtenção do título de **Especialista em Gestão Educacional**.

Orientadora: Prof^a. Denize da Silveira Foletto

**Sobradinho, RS
2018**

Tânia Marisa Jost

**CONTRIBUIÇÕES DA GESTÃO ESCOLAR DEMOCRÁTICA PARA
PREVENÇÃO DO *BULLYING* NA ESCOLA**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização *Lato Sensu* em Gestão Educacional (EaD), da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito para obtenção do título de **Especialista em Gestão Educacional**.

Aprovada em 30 de junho de 2018:

Denize da Silveira Foletto, Profa. Dra. UFSM
(Presidente/Orientadora)

Alexandra Silva dos Santos Furquim, Profa. Me. (UFSM)

Táise Tadielo Cezar, Profa. Me. (UFSM)

Sobradinho, RS, Brasil
2018

DEDICATÓRIA

A meu filho Matheus Felipe Jost, a minha filha de coração Elisa Bueno e a netinha Valentina, que com muito carinho e apoio tiveram paciência para que eu chegasse até essa etapa de minha vida.

AGRADECIMENTOS

A concretização deste trabalho ocorreu, principalmente, pelo auxílio, compreensão e dedicação de várias pessoas. Agradeço a todos que, de alguma forma, contribuíram para a conclusão deste estudo e, de uma maneira especial, agradeço:

- a Deus primeiramente, pois sem Ele eu não teria forças para essa longa jornada;

- aos professores, que sempre estiveram dispostos a ajudar e contribuir para um melhor aprendizado e com quem partilhei o que era o broto daquilo que veio a ser esse trabalho;

- a querida professora Denize da Silveira Foletto, pela paciência na orientação e pelo incentivo, tornando possível a conclusão desta monografia;

- a UFSM, por ter me dado a chance e oferecido todas as ferramentas que permitiram chegar hoje ao final desse ciclo de maneira satisfatória;

Enfim, a todos aqueles que fazem parte da minha vida e que são essenciais para eu ser, a cada dia nessa longa jornada, um ser humano melhor.

Se temos de esperar, que seja para colher a semente boa que lançamos hoje no solo da vida. Se for para semear, então que seja para produzir milhões de sorrisos, de solidariedade e amizade.

(Cora Coralina)

RESUMO

Trabalho de Conclusão
Curso de Especialização *Lato Sensu* em Gestão Educacional (EAD)
Universidade Federal de Santa Maria

CONTRIBUIÇÕES DA GESTÃO ESCOLAR DEMOCRÁTICA PARA PREVENÇÃO DO *BULLYING* NA ESCOLA

AUTORA: Tânia Marisa Jost
ORIENTADORA: Denize da Silveira Foletto
Data e Local da Defesa: Sobradinho, 30 de junho de 2018.

O presente estudo tem como objetivo geral contribuir com a sugestão de ações democráticas para prevenir e erradicar o *bullying* no ambiente escolar. Nesse trabalho, foram discutidas as ideias dos autores LÜCK (2013); HORA (1994); LIBÂNEO (2006), VEIGA (2002) e FANTE (2005). Enquadrada na tipologia de estudo de caso descritivo (YIN, 2010), ocorreu por meio de uma abordagem quali-quantitativa, realizada numa escola municipal na cidade de Vera Cruz-RS, no ano de 2018. Para a coleta de dados, foi utilizado o questionário fechado com 12 professores e 01 diretor integrantes da escola pesquisada. Como resultado, percebeu-se que os educadores entendem a gravidade do problema, mas ainda não conhecem bem o perfil e o histórico escolar de cada estudante e, com isso, não sabem ou não conseguem sugerir medidas efetivas que contribuam com a diminuição dos casos de *bullying* sucedidos no ambiente educacional. Conclui-se que o trabalho coletivo, comprometido e participativo no espaço escolar é a base para o início da prevenção e erradicação do *bullying*. A condição básica para que o *bullying* seja reduzido nas escolas é que sejam adotadas políticas *antibullying* pautadas no desenvolvimento de um trabalho contínuo e de uma gestão comprometida com os princípios democráticos.

Palavras-chave: *Bullying*. Gestão escolar democrática. Prevenção.

ABSTRACT

CONTRIBUTIONS OF DEMOCRATIC SCHOOL MANAGEMENT FOR PREVENTION OF BULLYING IN SCHOOL

AUTHOR: Tânia Marisa Jost
ADVISOR: Denize da Silveira Foletto

The present study has as general objective contribute with the suggestion of democratic actions to prevent the bullying in the school environment. In this work, were discussed the ideas of the authors HORA (1994); LIBÂNEO (2006), VEIGA (2002) and FANTE (2005). Framed in typology of case study descriptive (YIN, 2010), occurred by means of an approach quali-quantitative, realized in municipal school in the city of Vera Cruz-RS, in the year 2018. For data collection, was used the closed questionnaire with 12 teachers and 01 director members of researched school. As a result, it was noticed that educators understand the gravity of problem, but still not know well the profile and the school history of each student and, therewith, not know or not they can suggest measures that contribute with the reduction of cases of bullying succeeded in the educational environment. Concludes that the collective work, committed and participatory in school space it's the basis for the start of prevention and eradication of bullying. The basic condition for what the bullying be reduced in schools is that they are adopted policies antibullying scheduled in development of continuous work and a management committed with the democratic principles.

Keywords: Bullying. Democratic school management. Prevention.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1	12
CONTEXTUALIZAÇÃO METODOLÓGICA	12
CAPÍTULO 2	15
O BULLYING NO AMBIENTE ESCOLAR E SUA RELAÇÃO COM A GESTÃO EDUCACIONAL DEMOCRÁTICA	15
2.1 Projeto de lei sobre medidas protetivas contra bullying.....	16
2.2 O professor diante do bullying.....	18
2.3 Gestão escolar democrática e a sua relação com o <i>bullying</i>	20
CAPÍTULO 3	24
O QUE SABEM OS PROFESSORES E GESTORES?	24
3.1 Resultados da análise.....	26
3.2 Ações democráticas para prevenir e erradicar o <i>bullying</i> no ambiente escolar.....	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS	31
APÊNDICE A - CARACTERÍSTICAS DOS SUJEITOS ENVOLVIDOS NA PESQUISA	34
APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO FECHADO	35
ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	36

INTRODUÇÃO

O *bullying*¹ é tão antigo quanto à própria escola, embora poucos esforços tenham sido despendidos para que fossem concretizados estudos, pelo menos até a década de 1970. De acordo com Fante (2005), o *bullying* é um problema mundial, ou seja, ocorre em diversas escolas do Brasil e do mundo, públicas ou privadas, e é mais evidenciado na adolescência. Este fenômeno social sempre existiu, mas, no Brasil, somente nos últimos anos que começou a ser estudado e amplamente divulgado pela mídia.

O *bullying* é definido como um conjunto de atitudes agressivas, intencionais, pejorativas e repetidas, que ocorrem sem motivo evidente, adotado por um ou mais alunos contra outros, causando sentimentos negativos, como raiva, angústia, sofrimento e em alguns casos queda do rendimento escolar (FANTE, 2005). Portanto, podemos afirmar que todos esses sentimentos causam grande sofrimento e traumas na criança, pois muitas sofrem em silêncio. O *bullying* se configura como uma agressão, mas nem toda a agressão é classificada como tal. Por esse motivo, é importante saber diferenciar quando ele está ocorrendo ou não.

Diante disso, este trabalho tem como temática a discussão sobre o *bullying* no ambiente escolar, enfatizando a importância de uma gestão democrática para elaborar ações que promovam a identificação, a prevenção do mesmo. Em relação a isso, a gestão escolar exerce papel fundamental, pois ela deve saber lidar com este fenômeno social para que o aluno não prejudique o seu processo de ensino e aprendizagem.

O interesse em pesquisar o referido tema não surgiu repentinamente, pelo contrário. Durante minha experiência como professora de Geografia por cinco anos, como coordenadora pedagógica por seis e há 7 anos como diretora na mesma escola, convivi e convivo em meio a muitas crianças e adolescentes. Logo, foi possível observar que, entre eles, existem muitos conflitos, além de grupinhos que segregam alguns colegas na hora do recreio, bem como são proferidos alguns apelidos entre os mesmos. Nesse espaço, tive a confirmação de que atitudes como

¹ *Bullying* é um termo da língua inglesa (*bully* = “valentão”) que se refere a todas as formas de atitudes agressivas, verbais ou físicas, intencionais e repetitivas, que ocorrem sem motivação evidente e são exercidas por um ou mais indivíduos, causando dor e angústia, com o objetivo de intimidar ou agredir outra pessoa sem ter a possibilidade ou capacidade de se defender, sendo realizadas dentro de uma relação desigual de forças ou poder (BRASIL ESCOLA, 2018).

falta de respeito, humilhação, ameaças ou exclusão levam às crianças a agir com violência e agressividade, seja física ou verbal. Nesse contexto, a escola não pode limitar-se somente a ensinar, mas, sim, funcionar como um gerador de comportamentos sociais. Foram essas percepções que moveram o interesse em desenvolver um trabalho que contribuísse com o debate e com a articulação de ações de gestão democrática para tratar sobre o assunto.

Além da experiência profissional mencionada, a participação em um curso oferecido pela Secretaria de Educação do município de Vera Cruz-RS, no ano de 2010, intitulado *Educação para Paz*, corroborou ainda mais para despertar o interesse sobre o referido tema. Na oportunidade, o curso teve como ênfase trabalhar ações e estratégias para combater e resolver os conflitos escolares, bem como melhorar as relações interpessoais no espaço escolar.

A partir dessas vivências, busquei o curso de pós-graduação em Gestão Educacional, com intuito de agregar novos conhecimentos sobre como se organiza os princípios de gestão democrática e como esses irão colaborar com o trabalho de prevenção e atitudes que se caracterizam como *bullying*. Nessa ótica, o curso de Gestão Educacional contribuiu muito para minha formação continuada, uma vez que atualmente como diretora, está sendo essencial para (re)significar e aprender novos conhecimentos acerca da organização e do funcionamento de uma escola participativa e democrática. Assim, a presente pesquisa tem como objetivo geral contribuir com a sugestão de ações democráticas para prevenir o *bullying* no ambiente escolar.

Diante disso, a pesquisa se enquadra na tipologia de estudo de caso descritivo (YIN, 2010), com uma abordagem quali-quantitativa, e foi realizada numa escola municipal da cidade de Vera Cruz/RS, no ano de 2018. Para embasar o trabalho, foram discutidas as ideias de autores como LÜCK (2013); HORA (1994); LIBÂNEO (2006); PARO (1997); VEIGA (2002); e FANTE (2005), que nos apoiaram na compreensão de como uma gestão escolar democrática e participativa pode contribuir na prevenção do *bullying* no ambiente escolar.

Isto posto, o presente estudo está dividido em três capítulos. No primeiro, apresenta-se a metodologia empregada na pesquisa.

No segundo capítulo, discute-se teoricamente sobre o conceito de *bullying*; como ocorre; em que espaço acontece; o que o caracteriza; como é possível

percebê-lo no espaço escolar; e o projeto de Lei que trata sobre as medidas protetivas e a relação dele com uma gestão democrática participativa.

O terceiro capítulo apresenta a análise realizada e a proposta de ações e estratégias que podem ser desenvolvidas na escola, com o intuito de prevenir o *bullying* no ambiente escolar.

Por fim, desenvolve-se as conclusões finais acerca da temática reafirmando o que foi pesquisado.

CAPÍTULO 1

CONTEXTUALIZAÇÃO METODOLÓGICA

O presente trabalho apresenta como temática a discussão sobre o *bullying* no ambiente escolar, enfatizando a importância de uma gestão democrática para elaborar ações que promovam a identificação, a prevenção do mesmo no ambiente escolar.

Assim, trata-se de uma pesquisa do tipo estudo de caso descritivo (YIN, 2010), com uma abordagem quali-quantitativa. O método quantitativo contribuirá nas análises com ênfase na tabulação de resultados. Já o método qualitativo apoiará a pesquisadora na análise em profundidade dos objetos de interesse.

Segundo Triviños (1994, p. 137), “o processo da pesquisa qualitativa não admite visões isoladas, parceladas, estanques”. Em outras palavras, o autor quer dizer que, numa pesquisa qualitativa, a interação é sempre dinâmica e constantemente reformulada para ir à busca de novas informações. Em linha convergente, Lüdke e André (2007) revelam que o estudo qualitativo envolve uma situação natural e com muitos dados descritivos, tendo seu roteiro flexível e centrada na realidade de modo intrínseco e contextualizado.

Em relação à tipologia deste estudo, o mesmo se enquadra no tipo Estudo de Caso descritivo (YIN, 2010), que segundo o autor, trata-se de descrever uma intervenção e o contexto da vida real em que ocorreu. O resultado final consiste na descrição detalhada de um assunto submetido à indagação.

Segundo Yin (2001, p. 32) “o estudo de caso é uma investigação empírica de um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real, sendo que os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos”. Portanto, os estudos de caso não buscam a generalização de seus resultados, mas, sim, a compreensão e interpretação mais profunda dos fatos e fenômenos específicos. Embora não possam ser generalizados, os resultados obtidos devem possibilitar a disseminação do conhecimento, por meio de possíveis generalizações ou proposições teóricas que podem surgir do estudo (YIN, 2010).

Sendo assim, a unidade pesquisada é uma escola municipal de Ensino Fundamental pertencente ao município de Vera Cruz/RS. A escola possui em torno

de 300 alunos distribuídos entre a pré-escola ao nono ano. Está localizada em uma área de periferia, ao qual o nível socioeconômico é baixo e são trabalhadores de empresas do ramo do fumo, têxtil ou calçadista. As famílias dos alunos convivem, em sua grande maioria, com problemas como o uso de drogas ilícitas, alcoolismo, violência doméstica, entre outros.

A escolha por essa comunidade escolar se deve ao fato de a pesquisadora estar inserida nela e, portanto, partir do conhecimento prévio que tem sobre a organização da mesma para examinar a seguinte questão norteadora: será que o gestor e os professores de uma escola de Ensino Fundamental do município de Vera Cruz/RS, conhecem o perfil dos alunos e seu histórico na instituição para criar ações democráticas que promovam a identificação, a prevenção do *bullying* no ambiente escolar?

Sendo assim, os sujeitos (Apêndice A), escolhidos de forma aleatória, foram doze (12) professores e um (01) diretor da instituição pesquisada, que devolveram o questionário na sua totalidade. Os questionários foram aplicados em abril de 2018 e recolhidos no mesmo mês e ano.

Diante do exposto, o presente trabalho teve como objetivo geral contribuir com a sugestão de ações democráticas para prevenir o *bullying* no ambiente escolar. Como objetivos específicos, foram estabelecidos os seguintes: a) discutir teoricamente sobre o conceito de *bullying* e a relação dele com a gestão democrática participativa; b) verificar se os gestores e professores conhecem o perfil dos alunos e seu histórico na instituição; c) sugerir ações e estratégias que podem ser desenvolvidas na escola, com o intuito de prevenir o *bullying* no ambiente escolar.

Como referencial teórico para embasar este estudo foram discutidas as ideias de gestão escolar baseadas em autores como Heloisa Lück (2013); Dinair Leal da Hora (1994); José Carlos Libâneo (2006) e Victor H. Paro (1997). Decorre que os ideais desses pesquisadores estão alicerçados em uma gestão democrática participativa, atribuindo à escola um papel de extrema importância para a comunidade escolar.

Outra autora importante para auxiliar na execução do presente trabalho é Ilma Passos A. Veiga (2002), que trouxe contribuições ímpares, por meio de sua obra esclarecedora sobre o espaço que o Projeto Pedagógico (PP) tem dentro da escola, seu processo de construção, organização e aplicação, a fim de auxiliar na

elaboração de estratégias e ações que visem prevenir e combater o *bullying* no espaço escolar.

Já o principal aporte teórico referente ao *bullying* escolar utilizado neste trabalho está fundamentado no estudo da obra “Fenômeno *Bullying*”, de Cleo Fante (2005), que esclarece e define o que é *bullying* para que o mesmo não seja confundido com outras formas de violência. Para isso, a referida autora traz exemplos e depoimentos de casos onde houve violência, como identificar os agressores e os possíveis alvos em potencial. No decorrer de sua obra, também traça ações de como lidar com esse tipo de violência e menciona atividades e estratégias embasadas no programa *Educação para Paz*.

Desse modo, para a coleta de dados foi aplicado o questionário fechado (Apêndice B), pois conforme Triviños (1994), o questionário fechado, mesmo sendo de emprego usual no trabalho positivista, também pode ser utilizado na pesquisa qualitativa. As questões feitas aos sujeitos foram perguntas fechadas, ou seja, aquelas em que o informante escolhe sua resposta entre duas opções. Esse tipo de pergunta, embora restrinja a liberdade das respostas, facilita o trabalho do pesquisador e também a tabulação, pois as respostas são mais objetivas (RUIZ, 1996, p. 51).

Os dados foram analisados com base na estratégia sugerida por Yin (2010), em que se desenvolve uma descrição de caso. A proposta de Yin, por ter sido elaborada de acordo com experiências do próprio autor, fornece parâmetros para se coletar, apresentar e analisar os dados corretamente.

Assim, elabora-se uma estrutura descritiva do estudo de caso, permitindo identificar tipos de pareceres que ajudaram no processo analisado, uma vez que o estudo de caso, como o experimento, “não representa uma „amostragem” e o objetivo do pesquisador é expandir e generalizar teorias (generalização analítica) e não enumerar frequências (generalização estatística)” (YIN, 2010, p. 29).

CAPÍTULO 2

O *BULLYING* NO AMBIENTE ESCOLAR E SUA RELAÇÃO COM A GESTÃO EDUCACIONAL DEMOCRÁTICA

A Lei nº 13.474, de 28 de Junho 2010, no artigo 82, inciso IV, da Constituição do Estado do Rio Grande do Sul, traz as seguintes considerações e conceito sobre *bullying*:

Art. 2.º - Para os efeitos desta Lei, considera-se “bullying” qualquer prática de violência física ou psicológica, intencional e repetitiva, entre pares, que ocorra sem motivação evidente, praticada por um indivíduo ou grupo de indivíduos, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidar, agredir fisicamente, isolar, humilhar, ou ambos, causando dano emocional e/ou físico à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas. § 1.º - Constituem práticas de “bullying”, sempre que repetidas: I - ameaças e agressões verbais e/ou físicas como bater, socar, chutar, agarrar, empurrar; II - submissão do outro, pela força, à condição humilhante e/ou constrangedora na presença de outros sujeitos; III - furto, roubo, vandalismo e destruição proposital de bens alheios; IV - extorsão e obtenção forçada de favores sexuais; V - insultos ou atribuição de apelidos constrangedores e/ou humilhantes; VI - comentários racistas, homofóbicos ou intolerantes quanto às diferenças econômico sociais, físicas, culturais, políticas, morais, religiosas, entre outras; VII - exclusão ou isolamento proposital do outro, pela intriga e disseminação de boatos ou de informações que deponham contra a honra e a boa imagem das pessoas; e (RIO GRANDE DO SUL, 2010).

As brincadeiras, muitas vezes, extrapolam os limites e passam para outra dimensão: a da agressão física, moral ou psicológica. É nesse sentido que aparece o *bullying*, prática essa que necessita ser observada para evitar traumas e transtornos à pessoa agredida. De acordo com Fante (2005), essa prática é mais comum nos ambientes escolares e, por isso, é de suma importância que os diferentes segmentos que fazem parte desse contexto estejam atentos e preparados para identificar e intervir corretamente nos casos de *bullying*. Para tanto, uma gestão educacional, que preze por princípios democráticos, exerce papel fundamental, pois é ela que vai mediar os conflitos e aplicar medidas na escola, na sala de aula e individualmente.

Todo *bullying* se configura em uma agressão, mas nem toda agressão é classificada como tal. Por esse motivo, é importante saber diferenciar quando ele está ocorrendo ou não. Por exemplo, as discussões, os conflitos ou as brigas pontuais entre professor e aluno ou aluno e gestor não são considerados, pois

decorre que, para ser caracterizado *bullying*, é necessário que ocorra a agressão entre os pares - colegas de classe (FANTE, 2005).

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), por meio da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, em seu Art. 5º, descreve que nenhuma criança ou adolescente deve ser objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da Lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais.

Além das dificuldades de aprendizado e o baixo rendimento escolar, pode-se citar como interferências do *bullying* dentro das escolas, a falta de interesse, a falta de atenção e concentração, falta às aulas e a não identificação com o grupo (BRASIL, 1990, p. 80).

Devido à enorme pressão a que o *bullying* sujeita ao indivíduo, esse se torna frágil. Uma vez fragilizada, a vítima apresenta dificuldades de comunicação com os outros, o que influencia negativamente na sua capacidade de desenvolvimento em termos sociais, profissionais e emocionais/afetivos. A incompreensão é algo que as vítimas sentem habitualmente por parte dos outros (VENTURA, 2007). Em outras palavras, a prática do *bullying* causa problemas emocionais e grandes sofrimentos aos vitimados, pois esses indivíduos são submetidos ao isolamento social, conseqüentemente, apresentando doenças psicossomáticas e que podem até chegar ao suicídio.

Sendo assim, as causas são inúmeras e variadas, afetando todos os envolvidos e em todos os níveis de idade. Quando não há intervenções efetivas contra o *bullying*, o ambiente escolar fica totalmente contaminado e as conseqüências se tornam tão graves na vida das crianças e dos adolescentes que, se não receberem uma intervenção correta e no tempo certo, sentem-se inferiorizadas e incapazes de mudarem a situação. Por isso, se faz necessário conhecer o projeto de lei sobre medidas protetivas contra o *bullying*.

2.1 Projeto de lei sobre medidas protetivas contra *bullying*

A Lei n. 13.474, de 28 de Junho de 2010, do Estado do Rio Grande do Sul, dispõe sobre o combate da prática de *bullying* em instituições de ensino públicas ou privadas, com ou sem fins lucrativos, conforme disposto no artigo 82, inciso IV, Art.

1.º, desenvolverão a política “antibullying” nos termos da referida Lei, Art. 3.º, com os seguintes objetivos:

- I - reduzir a prática de violência dentro e fora das instituições de que trata esta Lei e melhorar o desempenho escolar;
- II - promover a cidadania, a capacidade empática e o respeito aos demais;
- III - disseminar conhecimento sobre o fenômeno “bullying” nos meios de comunicação e nas instituições de que trata esta Lei, entre os responsáveis legais pelas crianças e adolescentes nelas matriculados;
- IV - identificar concretamente, em cada instituição de que trata esta Lei, a incidência e a natureza das práticas de “bullying”;
- V - desenvolver planos locais para a prevenção e o combate às práticas de “bullying” nas instituições de que trata esta Lei;
- VI - capacitar os docentes e as equipes pedagógicas para o diagnóstico do “bullying” e para o desenvolvimento de abordagens específicas de caráter preventivo (RIO GRANDE DO SUL, 2010).

No âmbito nacional, legalmente, o tema *bullying* foi abordado após o ocorrido na cidade do Rio de Janeiro, em 7 de abril de 2011, quando o atirador, ex-aluno da Escola Tasso da Silveira, sofreu perseguição contínua no ambiente escolar, acabou executando 12 crianças a tiros. Esse fato foi propulsor para a abordagem do problema *bullying*. O Senado aprovou um projeto instituindo o Dia Nacional de Combate ao *Bullying* e à Violência na Escola. O projeto de Lei nº 7/2014 deu origem à Lei 13.277/2016, aprovado de maneira simbólica pelo Plenário do Senado, em memória às vítimas do massacre. Este é o primeiro ano em que a lei está em vigor (BRASIL, 2016).

Esse acontecimento na cidade do Rio de Janeiro revela que muitas vezes a escola e a família não têm conhecimento do tamanho da agressão emocional que o jovem sofre durante toda sua vida escolar. De acordo com Fischer (2010, p. 11),

“as vítimas sofrem silenciosamente, de maneira cruel e velada, e podem se tornar reféns de uma ansiedade que interfere em seus processos de aprendizagem pela excessiva mobilização psíquica de medo, constrangimento, angústia e raiva reprimida”.

Além do mais, a referida autora revela que aqueles alunos que superam o trauma podem chegar à vida adulta com sentimento de vingança e dificuldade de relacionamento.

Segundo destaca Martins (2005, p. 12), as práticas consideradas como *bullying* “estão previstas na legislação e as condutas são enquadradas, hoje, no mesmo rol de crimes contra a honra: calúnia, difamação e injúria”. Tais penas variam de acordo com o enquadramento já existente para a injúria (detenção de um a seis

meses ou multa), calúnia (detenção de seis meses a dois anos e multa) e difamação (detenção de três meses a um ano e multa). Caso o agente seja menor de idade, podem ser aplicadas medidas socioeducativas previstas no Estatuto da Criança e do Adolescente (MARTINS, 2005).

Nesse sentido, empenhado no combate à violência no ambiente escolar, o Senado aprovou, em 2015, o projeto que originou a Lei n. 13.185/15, mais conhecida como “Lei do *Bullying*”. A norma criou o Programa de Combate à Intimidação Sistemática, que obriga a produção e a publicação de relatórios bimestrais das ocorrências de *bullying* nos estados e municípios para planejamento de ações (BRASIL, 2015).

Atualmente, o esforço legislativo para diminuir a prática de atos violentos do sistema de ensino é expresso no PLC 76/2011. O projeto, em análise no Senado, propõe que creches e escolas de ensino fundamental e médio da rede pública e particular ofereçam atendimento psicológico para alunos e professores (SENADO FEDERAL, 2011). O objetivo é combater os casos de agressão e humilhação e, conseqüentemente, melhorar o aprendizado.

2.2 O professor diante do *bullying*

Muitos professores ainda sentem dificuldades em lidar com situações de violência em sala de aula e sentem-se desmotivados com relação ao seu trabalho enquanto profissionais da educação. Mesmo assim, muitos deles resistem e ficam atentos às novas mudanças, a propostas de redução à violência e as tratam como um problema de cunho ambiental (LOPES NETO, 2011).

Dessa forma, toda essa violência escolar interfere na qualidade do ensino-aprendizagem, justamente porque geram um clima de tensão e medo, tornando estudantes e professores inseguros e incapazes de desenvolver trabalhos que, de alguma forma, sejam significativos para a diminuição do *bullying*. Diante disso, Tognetta e Vinha (2010) ressaltam ser importante o momento da reflexão para se construir uma escola que trabalhe a socialização e a construção de relações sadias entre estudantes e professores.

Sendo assim, por acreditar que o Projeto Educação para Paz que teve origem no Egito, em 2011, a partir da atuação do professor Carlos Palma, uruguaio, vivendo, porém, no Meio Oriente há mais de 25 anos o drama das contínuas guerras

e conflitos, questionou-se como poderia dar uma contribuição concreta para uma Cultura de Paz. Nessa perspectiva se enquadra o Projeto Living Peace International, propondo um percurso com o objetivo de desenvolver quanto possível, nos vários ambientes de ensino e de vida, o compromisso de viver pela paz, renovando relacionamentos, reforçando colaborações, cooperando assim, juntos, na construção de uma “rede” de paz no mundo.

Portanto esse tema é de fundamental importância na formação de professores, pois no dia a dia da sala de aula, muitas vezes entramos em conflito com nossos alunos que dizem "não quero fazer, não vou fazer". Outros não respeitam os colegas, o que desencadeia os casos de bullying em sala de aula e na escola tornando as agressões frequentes. Sem levar em conta que isso tudo tem cunho social e familiar, tendo influência direta sobre estas ações.

Deste modo desenvolver espaços que possam promover uma ação prática no âmbito de um contexto específico, partindo, com certeza, da resolução positiva das relações interpessoais, mas, sem perder de vista os problemas mais amplos, como o modelo de desenvolvimento, a distribuição dos recursos e a gestão do poder; fazendo atos concretos para transformar, a partir da base, uma sociedade globalizada, na qual a falta de direitos e graves desigualdades, muitas vezes, podem até mesmo tornar sem sentido a pronúncia da palavra “paz”.

Como recurso didático e lúdico o projeto Educação para Paz, sustenta-se em dois pilares como: Dado da Paz; “ é um dado com seis frases a um valor de paz que estimula mudanças pessoais e comunitárias”, e Time-out (momento pela Paz); “que pretende tecer à volta ao mundo uma densa rede de Paz com milhares de “nós-pessoas” que todos os dias, às 12:00h, em todos os fusos horários parem durante um minuto para orar, fazer silêncio e refletir pela Paz. O Dado da Paz é instrumento propõe um percurso educativo que estimula mudanças pessoais e comunitárias, despertando em cada um o que tem de melhor.

Nasceu assim a base do Projeto, que passou a se chamar “*Living Peace*” e que em pouco tempo difundiu-se em várias partes do mundo e continua expandindo-se cada vez mais, graças à criatividade de todos aqueles que, aderindo, tornam-se seus protagonistas.

No entanto, se a família está com problemas afetivos entre seus membros, socioeconômicos ou de saúde, isso pode influenciar na formação emocional e de atitudes comportamentais, se caso a sua base familiar for frágil.

Muitas vezes, pode ser uma prática de exclusão social, cujos alvos costumam ser pessoas obesas, baixa estatura, deficiência física, aspectos culturais, étnicos e religiosos. Além disso, esses sujeitos não pedem ajuda, pois são retraídos e inseguros, ficando à mercê dos “valentões” da escola. Sendo assim, observa-se que o autor da agressão sente-se satisfeito com a sua ação. Outro fato que pode levar o sujeito a praticar essa forma de violência são os problemas familiares em casa, pois é no ambiente familiar que são construídos os valores, como o respeito em relação às diferenças e a forma de como conviver com elas.

Não é somente o agredido que sofre com o *bullying*, mas as testemunhas também, pois elas têm medo de represálias e isso gera insegurança nas mesmas que acabam omitindo o que viram. Decorre que demonstram receio de que em seguida sejam elas mesmas o alvo dos agressores, passando a conviver com essa rotina que acaba se tornando normal dentro da escola (TOGNETTA; VINHA, 2010).

Muitas famílias não têm conhecimento de que seus filhos estão sendo autores, vítimas ou até mesmo testemunhas de *bullying*, porque atualmente, com o “excesso de trabalho dos pais, o tempo para conversar, ouvir, ensinar uma tarefa, orientar em um trabalho, ou até mesmo perguntar ao filho como foi o seu dia, tem se tornado cada vez mais escasso” (WEISS, 2004, p. 23).

Essa discussão permite perceber a necessidade de a escola e seu gestor trabalharem com ações que promovam a aproximação e a interação entre a família e a vida escolar das crianças. Dessa forma, não se deve apontar culpados para a indisciplina dos alunos ou seus insucessos escolares, mas, sim, todos, a família, o gestor, professores, alunos, funcionários e equipe pedagógica, atuarem juntos como uma equipe, de modo integrado e planejado, trocando ideias e experiências entre si para providenciar a melhor forma de ajudar a combater o *bullying*.

Conforme discutido acima, fica claro que o *bullying* é um fenômeno mundial que tem se manifestado tanto em escolas públicas como privadas e é possível que algumas escolas não admitam a ocorrência dele entre seus alunos, ou desconheçam o problema ou se negam a enfrentá-lo. Atribui-se isso a falta de preparo dos profissionais, bem como do desconhecimento do que é gestão democrática e o que é possível construir quando se tem a participação de todos em prol de um objetivo.

2.3 Gestão escolar democrática e a sua relação com o *bullying*

A definição de Gestão Escolar é recente, porém fundamental para que uma escola atenda as atuais demandas, ou melhor, as exigências da sociedade. Para Vieira (2007), a Gestão Escolar orienta-se para assegurar o que é de sua finalidade, a qual existe para promover o ensino e a aprendizagem, a partir do pressuposto de educação como um direito de todos, de acordo com a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional (BRASIL, 1996).

Nesse contexto, a prática do gestor nessa perspectiva deve proporcionar a criação de um ambiente de respeito e afetividade, proporcionando o favorecimento do crescimento pessoal e profissional de todos, bem como a humanização do relacionamento, o exercício da cidadania e o envolvimento nas discussões fundamentais na escola.

De acordo com Lück (2013), em uma perspectiva democrática, o trabalho do gestor deve ser focado em três eixos: o Eixo Pedagógico - norteado pela proposta política pedagógica da escola centralizado no professor, no aluno e na melhoria da qualidade de ensino; o Eixo Administrativo - norteado pela gestão democrática, baseada na estrutura não verticalizada; e o Eixo relacional - norteado pelo processo participativo, descentralizado e pelo estabelecimento de parcerias com a comunidade e outras instituições. Além desses eixos mencionados, o gestor deve compreender o eixo político de sua atuação voltada na ação participativa. Nesse sentido, Lück (2013), Hora (1994) e Libâneo (2006) defendem que a direção escolar deve ter sua dimensão de atuação baseada em três enfoques: o aspecto administrativo e humano (refere-se a questões de infraestrutura, burocrática e pessoal); o aspecto sociopolítico e cultural (trata das relações interpessoais da comunidade escolar) e o aspecto pedagógico (discute as questões relacionadas ao processo ensino-aprendizagem, como currículo, prática pedagógica, avaliação e outros).

Portanto, uma escola de qualidade é gerida com competência, agilidade, motivação e criatividade, de forma coletiva e participativa. É importante que o gestor aja como líder das relações humanas, enfatizando um ambiente positivo de cooperação, capaz de resolver os conflitos que surgirem, promovendo o consenso em prol da missão e do objetivo da escola. Além disso, ele deve criar um clima de aconchego, amizade, amor pelos estudos, incentivo às mudanças, isto é, ser diretor é uma tarefa para educadores comprometidos com o ser humano.

A função do diretor é de gestor mediador que procura sempre refletir sobre as possibilidades dentro da lei, do regimento e do Projeto Pedagógico (PP), na busca de ideias e caminhos que visem melhorar a qualidade do ensino público, respondendo aos anseios e necessidades da comunidade escolar. O objetivo do seu trabalho é promover espaços para desenvolver parcerias entre a equipe de educadores, envolvendo coordenadores, funcionários e até mesmo as famílias no processo de construção e aplicação do plano de ensino.

Entendendo a importância do conhecimento da realidade e do contexto em que a escola está inserida como norteadores das relações a serem estabelecidas, infere-se que o papel do diretor seja referência para todos os envolvidos no fazer pedagógico da escola. Sendo ele o mediador entre as famílias e a escola, cabe a ele estabelecer e planejar meios e espaços para que esta relação seja desenvolvida de maneira saudável, equilibrada, rica em conhecimento, respeito, e desenvolvimento de potencialidades de toda a comunidade escolar.

Para Sonia Simões Colombo, diretora e fundadora da HUMUS - Desenvolvendo Gestores de Sucesso, a formação continuada é um dos caminhos para a boa administração em escolas (COLOMBO, 2004). De acordo com a referida especialista, para que cada educador atinja seu pleno potencial, o gestor escolar deve criar programas de treinamento e de desenvolvimento alinhados às necessidades individuais e da instituição de ensino. Mais do que impor a sua forma de liderar, ele deve acolher a equipe de professores e oferecer os instrumentos necessários para que cada um possa desenvolver novas soluções em prol da aprendizagem dos estudantes.

Portanto, entende-se que na gestão compartilhada o diretor/gestor é o grande articulador de todos os segmentos que compõe a comunidade escolar. Por isso, é na escola que o indivíduo precisa encontrar seu desenvolvimento social para que venha a se constituir como cidadão. Conforme Penin e Vieira (2002), a educação tem por finalidade desenvolver a pessoa para a cidadania e sua qualificação profissional, denotando, dessa forma, mais uma vez a função social da escola. Essa resignificação da gestão escolar é parte essencial, uma vez que a escola atualmente assume um papel social, colocando à prova a tentativa de controlar esse tipo de violência dentro de um ambiente onde é necessário estimular os jovens a serem críticos e conscientes de que a educação é para todos. Com isso, as escolas, com sua função social, têm como princípio estabelecer novas ações educacionais

que englobem não apenas os conteúdos pedagógicos, mas também os conteúdos éticos, morais, sociais, políticos, ou seja, as crianças precisam crescer envolvidas por uma educação que as prepare para um mundo que exigirá muito além do seu conhecimento pedagógico, como também de vida (PENIN; VIEIRA, 2002).

Evidencia-se, assim, a importância de uma gestão escolar democrática e participativa, visto que é com a participação de todos os sujeitos envolvidos no processo educacional que irá apontar as características dos alunos, da comunidade e do perfil dos profissionais que atuam na escola. Por meio deste mapeamento, é possível que se estabeleça objetivos gerais e específicos para elaboração de ações e estratégias que previnam o *bullying* escolar. Para isso, o sujeito envolvido com o contexto educacional deve lembrar que as diferenças sempre existiram. Sempre haverá a diversidade de potencialidades. Quando ocorre uma situação de violência, tal como *bullying* na escola, a vítima nem sempre consegue expressar e aqueles que presenciam acabam, por medo, também não denunciando. Assim, no ambiente escolar, cabe aos professores observarem o comportamento de seus alunos e perceber os seus interesses. No caso de identificarem algum problema, os gestores devem intervir orientando os alunos e informando as famílias. De nada adianta a escola identificar os casos de *bullying*, repassá-los aos pais e eles ignorarem a gravidade do problema. A parceria entre família e escola é fundamental.

Diante disso, as escolas devem pensar em estratégias que visem diminuir os atos de violência, promovendo o desenvolvimento de indivíduos éticos e de bom convívio. O que se deseja é que as escolas sejam ambientes seguros e saudáveis, onde crianças e adolescentes possam desenvolver ao máximo suas potencialidades intelectuais, afetivas e sociais.

CAPÍTULO 3

O QUE SABEM OS PROFESSORES E GESTORES?

Nesse capítulo, descreve-se e analisam-se os resultados provenientes da pesquisa quali-quantitativa, obtidos por meio da coleta em questionários aplicados aos professores e diretor/gestor da escola pesquisada do município de Vera Cruz/RS.

As perguntas contidas no questionário foram todas analisadas e discutidas, mas foi dada maior ênfase àquelas que forneceram subsídios para responder se os(as) professores e o(a) diretor(a) conhecem o perfil dos alunos e seu histórico na instituição, a fim de criar ações democráticas que promovam a identificação, a prevenção do *bullying* no ambiente escolar.

Assim, na primeira pergunta, que versa sobre o que é *bullying*, todos (13) responderam positivamente. Em relação a este dado, observa-se que a maioria dos professores entende e conhece o *bullying*. Alega-se isso ao fato de que são professores mais velhos e, conseqüentemente, com mais experiência em sala de aula. Assim sendo, o tempo de docência e o convívio escolar diário são suficientes para que eles possam identificar e suspeitar de atitudes relacionadas ao problema.

Na sequência, perguntou-se sobre se conhecem a história de vida dos seus alunos. Aqui, oito (08) responderam que sim, e outros cinco (05) disseram não. Considera-se que a maioria já teve diálogo um pouco mais aprofundado com muitos dos estudantes ou apresenta um comportamento de timidez, revolta etc. Por outro lado, o número de respostas negativas dos professores pode estar associado ao fato de que só existe essa preocupação quando o aluno não está indo bem nos estudos ou apresenta um comportamento de timidez, revolta etc. Ou seja, se está com boas notas e se comportando bem, dificilmente se entra nessa questão.

A terceira pergunta é sobre se os professores conhecem o perfil e o histórico dos seus alunos dentro da instituição em que trabalham. Aqui, sete (07) responderam positivamente e seis (06) docentes disseram que não. Essa divisão de opiniões remete ao questionamento anterior, onde quase metade dos entrevistados declarou desconhecer a história de vida dos estudantes. Ou seja, se eles (professores) desconhecem a história de vida dos alunos, dificilmente irão conhecer

o perfil e o histórico dos mesmos dentro do educandário. Essa constatação, entretanto, vai contra o princípio básico de que o conhecimento do perfil é necessário nas escolas, especialmente para compreender a motivação de cada um deles. Além disso, esse é um fator que permite a implementação de estratégias pontuais, no sentido de tentar garantir maior eficiência no processo de ensino-aprendizagem.

O quarto questionamento é se identificam práticas de *bullying* entre os alunos, como apelidos, agressões físicas ou verbais no ambiente escolar. Todos os 13 responderam que sim. Por meio desses dados, evidencia-se que, embora atualmente o anseio seja para que as escolas sejam ambientes saudáveis, onde as crianças e adolescentes possam desenvolver ao máximo os seus potenciais intelectuais e sociais, a violência vem invadindo sim essas instituições, sob o nome de *bullying*, transformando a vida escolar de muitos alunos em um verdadeiro transtorno para o processo de aprendizagem, sendo que esse fato é constatado na escola que serviu de base para a realização do presente estudo.

A quinta interrogação é se conseguem identificar onde acontece com maior frequência e caracterizar comportamentos e atitudes de *bullying*. Nesse questionamento, todos os 13 professores entrevistados responderam que sim. Ou seja, eles sabem que o problema existe e em que momentos geralmente ocorrem com maior frequência. Essa situação se demonstra extremamente preocupante, principalmente pelo fato de os docentes conseguirem perceber sinais de *bullying*, mas não terem certeza que a prática esteja acontecendo. Ocorre que nem sempre é possível ratificar essa situação, porque quem pratica a agressão muda imediatamente de comportamento na medida em que visualiza um professor e/ou diretor. Além disso, a lei do silêncio na maioria das vezes prevalece, ou seja, as vítimas não falam e quem presencia esse fenômeno acaba também colaborando com a quietude, geralmente por medo de represálias posteriores.

A sexta questão versa se eles têm conhecimento de procedimentos e ações feitas pela escola em relação ao *bullying* para diminuir essa prática entre os alunos. Nessa pergunta, os 13 professores disseram categoricamente que sim. Subentende-se por meio dessas respostas de que a instituição está preocupada com a situação e entende que o diálogo é o primeiro passo para primeiramente buscar sensibilizar a respeito do *bullying* e, posteriormente, se pensar em criar ações para tentar

combater o fenômeno. No entanto, ainda não conhece bem o caminho para que tudo isso seja efetivamente colocado em prática.

Em relação à formação, perguntou-se se tiveram alguma disciplina específica para saber lidar com esse tipo de situação. Neste item, 10 (dez) responderam que sim e 02 (dois) disseram que não. Revela-se, aqui, que nem todos tiveram uma noção pedagógica sobre o assunto durante a sua formação. Sendo assim, esses dados direcionam para a necessidade de um repensar mais aprofundado quanto ao preparo do profissional para então se elaborar estratégias que combatam efetivamente o *bullying* no espaço escolar.

A oitava pergunta trata sobre se estão preparados para lidar com esse tipo de situação em sala de aula. Nesse item, 07 (sete) disseram que sim e 05 responderam não. Por meio das respostas, fica evidente que os entrevistados, apesar de terem conhecimento e presenciaram o *bullying* na referida escola, não estão preparados para mediar e resolver o problema. Isso provavelmente ocorre pela falta de preparação durante a formação, conforme já foi constatado, ou também pelo fato da negativa existir por parte de quem pratica o ato de agressão, bem como pelo comportamento das vítimas e daqueles que presenciam os acontecimentos, mas que acabam coagidos para se inserirem na lei do silêncio no educandário.

A nona e última pergunta respondida pelos professores é se eles consideram importante debater em grupo com a gestão, sobre o fenômeno *bullying*, para então criar ações e estratégias para diminuir ou erradicar o mesmo. Todos os 13 entrevistados disseram que sim. Aqui fica claro que os professores e diretor/gestor têm ciência da importância do diálogo sobre o assunto e que a reflexão e o debate entre os diferentes segmentos, em especial com a gestão, é extremamente importante e necessário para que se previna e combata este tipo de violência no espaço escolar.

3.1 Resultados da análise

Após a análise realizada, foi possível verificar que praticamente todos os professores e o diretor(a) entrevistados conhecem e conseguem identificar casos *bullying* na instituição escolar pesquisada.

Percebe-se que os educadores entendem a gravidade do problema, mas ainda não conhecem bem o perfil e o histórico escolar de cada estudante e, com

isso, não sabem ou não conseguem sugerir medidas efetivas que contribuam com a diminuição dos casos de *bullying* sucedidos no ambiente educacional. Entende-se que refletir e conhecer o perfil e o histórico dos discentes é crucial, pois, afinal, é com esse sujeito que os gestores irão trabalhar constantemente durante todo o ano.

Diante de uma realidade intensa expressa nas escolas - casos de *bullying* - o professor e os gestores, como profissionais que possuem um compromisso ético e social, devem buscar desenvolver habilidades e estratégias que venham legitimar o processo de ensino e aprendizagem, muitas vezes impedido de ocorrer, devido o aluno estar em sofrimento no espaço escolar. Porém, questiona-se também como conhecer todos, suas opiniões a respeito dos componentes curriculares, da relação aluno-professor, das angústias, medos e problemas que enfrentam? Trata-se de perguntas pertinentes, mas difíceis de responder, levando em consideração o número de turmas sob a responsabilidade de um só professor. E é exatamente nesse ponto que o gestor tem grande responsabilidade, pois é ele que exerce o papel de mediador do processo, de modo que se criem ações e estratégias democráticas que contribuam com a superação desse problema que é o *bullying*.

Assim, por meio das respostas dos professores, evidencia-se que o *bullying* está presente na escola pesquisada no município de Vera Cruz/RS e que há, portanto, a necessidade de prevenção do problema, algo que é de total consciência dos professores e do (a) diretor(a). Por isso, fica clara a necessidade de se desenvolver atividades interdisciplinares que busquem dialogar sobre o tema, para que haja uma sensibilização acerca do problema e entendam o seu papel diante da situação.

3.2 Ações democráticas para prevenir o *bullying* no ambiente escolar

Santomauro (2010) afirma que para prevenir o *bullying* é preciso ensinar a olhar um para o outro, bem como criar relacionamentos saudáveis, em que os colegas tolerem as diferenças e tenham senso de proteção coletiva e lealdade. Isto é, torna-se imprescindível desenvolver no grupo a capacidade de se preocupar com o outro, construindo uma imagem positiva de si e de quem está no entorno.

Nesse aspecto de envolvimento interpessoal, é importante proporcionar um ambiente equilibrado para os alunos se expressarem, em um diálogo que envolva todos os estudantes e que esses consigam melhorar as relações, sem que haja

motivo para violência. Se não se manter um ambiente calmo, as pessoas se agitam e ficam nervosas, favorecendo assim, a presença de um ambiente autoritário em que todos aprendem a expressar suas insatisfações da mesma forma, externando com gritos, indiferença e violência.

É na escola que se constrói os limites que visam prevenir e solucionar problemas. Então, devem ser seguidos, mas com o propósito explícito e claro a todos os envolvidos. Ademais, nesse ambiente também existe o uso da tecnologia e das redes sociais, que expõe dados pessoais, e muitas vezes, é utilizada para agredir, canalizada para oprimir o sujeito. Conforme Santomauro (2010) expõe, é importante explicar que certos limites acabam sendo uma forma de prevenir problemas. Assim, no ambiente escolar, o trabalho dos gestores, professores e também o apoio dos familiares é fundamental como forma de prevenir atitudes que podem levar a conflitos, tornando-se necessária a realização de reuniões periódicas entre todos os envolvidos. Concorda-se, dessa forma, com Fante (2005), quando afirma que as escolas precisam partir da temática voltada aos valores humanos, à ética, à moral e à cidadania como uma maneira de conscientizar as crianças e os pais sobre a importância de vivenciar a paz dentro do ambiente escolar. Em decorrência disso, cada escola deve partir de sua realidade, desenvolvendo estratégias cotidianas e contínuas.

Portanto, trabalho coletivo, comprometido e participativo no espaço escolar é a base para o início da prevenção do *bullying*. A condição básica para que o *bullying* seja reduzido nas escolas é que sejam adotadas políticas *antibullying* pautadas no desenvolvimento de um trabalho contínuo e de uma gestão comprometida com os princípios democráticos.

Essas ações podem ser inclusas no cotidiano das escolas, sem que novas atividades sejam acrescentadas à grade curricular, mas inserindo o *bullying* como um tema transversal e permanente em todos os momentos da vida escolar (LOPES NETO, 2011). Nesse contexto, o referido autor reforça que é muito importante a ação conjunta de uma equipe interdisciplinar para que se obtenham resultados mais efetivos frente à complexidade dos fatos envolvendo o *bullying*.

Ocorre que a atuação em conjunto de uma equipe interdisciplinar fornecerá os instrumentos necessários para que a ação ao *bullying* aconteça de forma mais efetiva, diante dos inúmeros desdobramentos e facetas existentes no decorrer desse fenômeno. Assim, é possível adotar ações preventivas com maior eficácia, como

campanhas, palestras, atividades preventivas, jogos colaborativos, vivências entre os alunos, rodas de conversa e ações educativas. Além disso, outra tentativa que tem chance de ser exitosa é de o professor trabalhar com peças teatrais, nas quais sejam feitas a inversão de papéis. Mostrar aos alunos casos de violência que desencadearam desde tentativas de suicídio até assassinatos em massa, pode ser uma boa estratégia para sensibilizar os estudantes.

Refletindo-se sobre alguma solução para a necessidade de um conhecimento mais aprofundado dos discentes, sugere-se a elaboração de um questionário que, além de responder a curiosidades relacionadas ao cotidiano desses sujeitos, sobre sua vida e interesses pessoais, pode também constatar qual o perfil dos alunos que se irá acompanhar.

Enfim, depois de reconhecer e entender esse fenômeno, os professores devem tentar trabalhar com todas as possibilidades e expor que o *bullying* é algo sério e que precisa ser evitado ao máximo dentro da instituição de ensino, pois um ambiente escolar hostil e desequilibrado poderá afetar seriamente não só a aprendizagem, como também o desenvolvimento físico, mental e emocional de seus educandos.

Percebendo o *bullying* como uma realidade social concreta, real no dia a dia escola, torna-se necessário ações preventivas e constantes, pois sabe-se que a erradicação do *bullying* é difícil, mas não impossível. Se for trabalhado o assunto durante todo o ano letivo através de projetos de valorização da vida, cuidados com a saúde psicológica, com o foco no desenvolvimento de valores, como o respeito, tolerância e solidariedade poderá haver avanços na caminhada em busca de melhores relações interpessoais, tanto no âmbito escolar como nas famílias e no social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo pesquisado, analisado e descrito nessa pesquisa sobre o *bullying* no ambiente escolar, enfatizando a importância de uma gestão democrática para elaborar ações que promovam a identificação, e a prevenção do mesmo, coloca-se como uma oportunidade de reflexão e contribuição de ações e de estratégias pautadas numa gestão democrática.

A metodologia utilizada foi uma pesquisa de abordagem quali-quantitativa, do tipo Estudo de caso Descritivo (YIN, 2010) e analisada com base nos aportes teóricos de Yin (2010).

Como resultado, percebeu-se que os educadores entendem a gravidade do problema, mas ainda não conhecem bem o perfil e o histórico escolar de cada estudante e, com isso, não sabem ou não conseguem sugerir medidas efetivas que contribuam com a diminuição dos casos de *bullying* sucedidos no ambiente educacional. Entende-se que refletir e conhecer o perfil e o histórico dos discentes é crucial, pois, afinal, é com esse sujeito que os gestores irão trabalhar constantemente durante todo o ano.

Diante disso, o *bullying* deve ser percebido como um fenômeno que pode acarretar traumas, dos quais não se pode calcular as proporções. Nesse contexto, é importante que os educadores e gestores tenham a compreensão de que trabalhar sobre a temática requer conhecimento sobre o assunto e engajamento de todos.

Portanto, conclui-se que o trabalho coletivo, comprometido e participativo no espaço escolar é a base para o início da prevenção do *bullying*. A condição básica para que o *bullying* seja reduzido nas escolas é que sejam adotadas políticas *antibullying* pautadas no desenvolvimento de um trabalho contínuo e de uma gestão comprometida com os princípios democráticos.

REFERÊNCIAS

- BRASIL ESCOLA. **Bullying**. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/bullying.htm>>. Acesso em: 10 abr. 2018.
- Guia 2017/2018 **Living Peace International**. Disponível em: <http://www.livingpeaceinternational.org/br/o-projeto.html>. Acesso em 18 de julho 2018.
- BRASIL. Lei n. 8.069, de 13 de julho DE 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm>. Acesso em: 09 de maio 2018.
- _____. Lei n. 13.277, de 29 DE ABRIL DE 2016. Institui o dia 7 de abril como o Dia Nacional de Combate ao Bullying e à Violência na Escola.
- _____. Lei n. 13.185, de 6 de novembro de 2015. Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13185.htm>. Acesso em: 05 abr. 2018.
- _____. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/l9394.htm>. Acesso em: 07 maio 2018.
- COLOMBO, Sônia Simões. (Org.). **Gestão Educacional: uma nova visão**. Porto Alegre: Bookman, 2004.
- FANTE, Cleo. **Fenômeno Bullying: como reverter a violência nas escolas e educar para a paz**. 2. ed. Campinas, São Paulo: Versus Editora, 2005.
- FISCHER, Rosa Maria (Coor.). **Bullying Escolar no Brasil: Relatório Final**. São Paulo: Plan, 2010.
- GATTI, Bernardete A. Implicações e perspectivas da pesquisa educacional no Brasil contemporâneo. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 113, p. 65-81, jul. 2001.
- GIL, Antônio Carlos. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- GRISARD, Luiz Antonio. **O bullying na escola**. Revista Educação: Editora Positivo, 2008.
- HORA, Dinair Leal da. **Gestão Democrática na Escola: Artes e Ofício da Participação Coletiva**. Campinas: São Paulo: Papirus, 1994.

LIBÂNEO, José Carlos. **Educação Escolar**: políticas, estrutura e organização. Coleção docência em formação. Série saberes pedagógicos. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

LOPES NETO, Aramis Antonio. **Bullying**: saber identificar e como prevenir. São Paulo: Brasiliense, 2011.

LÜCK, Heloisa. **Gestão Educacional**. Uma questão paradigmática. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. 10. reimp. São Paulo: EPU, 2007.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1999.

MARTINS, Maria José. Agressão e vitimação entre adolescentes, em contexto escolar: um estudo empírico. **Análise Psicológica**, v. 4, n. 23, p. 401-425, 2005.

PARO, Victor Henrique. **Gestão Democrática da Escola Pública**. São Paulo: Ática, 1997.

PENIN, S.; VIEIRA, S. Refletindo sobre a função social da Escola. In: VIEIRA, Sofia. (Org.). **Gestão da escola**: desafios a enfrentar. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

RIO GRANDE DE SUL. Lei n. 13.474, de 28 de junho de 2010. Dispõe sobre o combate da prática de "bullying" por instituições de ensino e de educação infantil, públicas ou sem fins lucrativos. Disponível em: <<http://www.al.rs.gov.br/filerepository/repLegis/arquivos/13.474.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

RUIZ, João Alvaro. **Metodologia científica**: guia para eficiência nos estudos. São Paulo: Atlas, 1996.

SANTOMAURO, Beatriz. Violência virtual. **Revista Nova Escola**, n. 233, jun./jul., p.66-73, 2010.

SENADO FEDERAL. **Lei de combate ao bullying completa um ano de vigência** (2017). Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2017/04/07/lei-de-combate-ao-bullying-completa-um-ano-de-vigencia>>. Acesso em: 05 maio 2018.

_____. Projeto de Lei da Câmara nº 76, de 2011. Disponível em: <<https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/102073>>. Acesso em: 12 abr. 2018.

SILVA, Ana Beatriz B. **Bullying**: mentes perigosas nas escolas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

TOGNETTA, L. R. P.; VINHA, T. P. Até quando? Bullying na escola que prega a inclusão social. **Educação**, Santa Maria, v. 35, n. 3, p. 449-464, set./dez. 2010.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

_____. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1994.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Escola: Espaço do Projeto Político Pedagógico**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1998.

VENTURA, Magda Maria. O Estudo de Caso como Modalidade de Pesquisa.

Revista SOCERJ, v. 20, n. 5, p.383-386, 2007. Disponível em:

<http://www.rbconline.org.br/wpcontent/uploads/a2007_v20_n05_art10.pdf>. Acesso em: 20 maio 2017.

VIEIRA, Sofia Lerche. **Política(s) e Gestão da Educação Básica: revisitando conceitos simples (2007)**. Disponível em: <file:///C:/Users/Braulia/Downloads/19013-68552-1-PB.pdf>. Acesso em: 15 abr.2018.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

APÊNDICE A - CARACTERÍSTICAS DOS SUJEITOS ENVOLVIDOS NA PESQUISA

CARACTERÍSTICAS DOS SUJEITOS ENVOLVIDOS NA PESQUISA				
	IDENTIFICAÇÃO	FORMAÇÃO/TITULAÇÃO	IDADE	TEMPO DE MAGISTÉRIO
01	Professora	Ciências Biológicas/Graduado	36 anos	8 anos
02	Professor	Geografia/Especialista	32 anos	6 anos
03	Professora	Pedagogia/Especialista	29 aos	6 anos
04	Professor	Letras- Português/Especialista	27 anos	5 anos
05	Professor	Educação Física- Licenciatura/Graduado	42 anos	10 anos
06	Professor	História/Especialista	59 anos	20 anos
07	Professora	Português-Letras- Espanhol/Graduada	37 anos	11 anos
08	Professor	Matemática/Especialista	48 anos	22 anos
09	Professor	Física/Graduado	40 anos	12 anos
10	Professora	Letras-Português - Inglês/Graduada	34 anos	8 anos
11	Professor	Educação Física/Graduado	40 anos	12 anos
12	Professora	Computação/Graduada	36 anos	7 anos
13	Diretora	Pedagogia/Graduada	33 anos	8 anos

APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO FECHADO

OBJETIVO GERAL DO QUESTIONÁRIO ENVIADO PARA OS PROFESSORES E DIRETOR:

Verificar se o gestor e os professores de uma escola de Ensino Fundamental do município de Vera Cruz/RS, conhecem o perfil dos alunos e seu histórico na instituição para criar ações democráticas que promovam a identificação, a prevenção e a erradicação do *bullying* no ambiente escolar?

1) Você sabe o que é *bullying*?

Sim () Não ()

2) Você conhece a história de vida dos seus alunos?

Sim () Não () () De alguns

3) Conhece o perfil dos seus alunos e a história deles dentro da instituição em que trabalha?

Sim () Não () () De alguns

4) Identifica práticas de *Bullying* entre os alunos, como apelidos, agressões físicas ou verbais no ambiente escolar?

Sim () Não ()

5) Você consegue identificar onde acontece com mais frequência e caracterizar comportamentos e atitudes de *Bullying*?

Sim () Não ()

6) Tem conhecimento de procedimentos ações feitas pela escola em relação ao *Bullying* para diminuir esta prática entre os alunos?

Sim () Não ()

7) Com relação a sua formação, você teve alguma disciplina específica para saber lidar com este tipo de situação?

Sim () Não ()

8) Você está preparado para lidar com este tipo de situação em sala de aula?

Sim () Não ()

9) Você acha importante debater em grupo com a gestão, sobre o fenômeno, para então criar ações e estratégias para diminuir ou erradicar o mesmo?

Sim () Não ()

ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) Educador(a),

Sou Tânia Marisa Jost, estudante do curso de Especialização *Lato Sensu* em Gestão Educacional (EAD), da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS). Por meio deste questionário, gostaria de contar com a sua colaboração para o processo de desenvolvimento da pesquisa, que tem como título: **CONTRIBUIÇÕES DA GESTÃO ESCOLAR DEMOCRÁTICA PARA PREVENÇÃO DO *BULLYING* NA ESCOLA**

Sua contribuição é muito importante, e desde já agradeço pela participação.

Termo de Consentimento Livre

Eu, _____, CPF nº _____, abaixo assinado, concordo em participar deste estudo, tendo recebido informações sobre os objetivos, justificativas e procedimentos que serão adotados durante a sua realização, bem como dos benefícios que poderão ser obtidos.

Autorizo a publicação das informações por mim fornecidas, com a segurança de que não serei identificado e de que será mantido o caráter confidencial da informação relacionada com a minha privacidade.

Tendo ciência do exposto acima, assino esse termo de consentimento.

Assinatura do Pesquisado

Assinatura do Pesquisador